

# Vírgulas em esquema duplo, estruturas adverbiais e argumentação: um olhar para textos de EF II

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3262>

**Isadora Albanese Camillo<sup>1</sup>**

## Resumo

Esse trabalho investiga a relação entre uso convencional de vírgulas em esquema duplo (ou vírgulas duplas) e estruturas adverbiais (advérbios e locuções adverbiais) em textos argumentativos produzidos por alunos do último ano do Ensino Fundamental II. Os textos foram selecionados do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II e os dados correspondem à presença convencional de vírgulas, como em: “Mas o Brasil, *na minha opinião*, não faz por merecer ter a Amazônia”. A hipótese é que estruturas adverbiais, quando deslocadas sintaticamente e, portanto, delimitadas por vírgulas, sejam estratégias de modalização e argumentação mobilizadas na produção de textos argumentativos, privilegiadamente. Os resultados confirmam a hipótese e demonstram que os usos e os não usos de vírgula configuram-se como estratégias de organização e hierarquização dos enunciados escritos, estando a serviço da resposta ao gênero argumentativo solicitado.

**Palavras-chave:** vírgula; pontuação; sintaxe; argumentação; língua portuguesa.

---

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; [isadora.camillo@unesp.br](mailto:isadora.camillo@unesp.br); <https://orcid.org/0000-0002-9501-9323>

## Commas in double scheme, adverbial structures, and argumentation: a look at middle school texts

### Abstract

This paper aims to investigate the relationship between conventional uses of commas in a double scheme and adverbial structures in argumentative texts written by students in the end of middle school. The texts were selected from *Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II* and the data show a conventional presence of commas, as noted in: “Mas o Brasil, na minha opinião, não faz por merecer ter a Amazônia”. The hypothesis is that adverbial structures, when syntactically displaced and, therefore, delimited by commas, are modalization and argumentation strategies mobilized in the production of argumentative texts, in particular. The results confirm the hypothesis and demonstrate that the uses and non-uses of commas are strategies of organization and hierarchization of written enunciations, being at the disposal of the response to the argumentative genre requested.

**Keywords:** commas; punctuation; syntax; argumentation; Brazilian Portuguese.

### Introdução

Neste estudo, o principal objetivo é tratar da relação entre uso convencional de vírgulas em esquema duplo e estruturas adverbiais (advérbios e locuções adverbiais) deslocadas em textos argumentativos produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II (EF II), em uma escola estadual do interior do estado de São Paulo.

As vírgulas em esquema duplo (ou vírgulas duplas) são caracterizadas pela presença desse sinal gráfico nas duas fronteiras de uma determinada estrutura sintática, como em: “Se esta internacionalização se concluir, *daqui alguns anos*, este nosso patrimônio, estará totalmente devastado [...]”. Esse emprego de vírgulas em ambas as fronteiras sintáticas corresponde ao uso convencional, ou seja, à colocação prescrita em gramáticas normativas, como as de Bechara (2019) e Cunha e Cintra (2013), que determinam as regras de usos de vírgulas, guiando a produção escrita em língua portuguesa, sobretudo no contexto escolar. Conforme propõem Tenani e Paiva (2020), o uso do esquema duplo acontece em estruturas que podem ser consideradas *deslocadas*, isto é, compostas por elementos deslocados à esquerda em relação à ordem canônica da oração principal, ou estruturas *encaixadas*, que dizem respeito a termos e orações que são encaixadas em uma oração principal.

Neste trabalho, privilegiamos os usos de vírgula em esquema duplo em estruturas *deslocadas*, especificamente, com estruturas adverbiais (advérbios e locuções adverbiais).

A hipótese é que essas estruturas parecem mobilizar estratégias de modalização na escrita de textos argumentativos por parte dos alunos, sendo delimitadas, sintaticamente, pelas vírgulas duplas. À época, o documento normativo vigente, o Currículo do Estado de São Paulo, previa, para o último ano do EF II, o ensino de textos argumentativos e dos sinais de pontuação, como já apontado por Soncin (2014), Carvalho (2019) e Paiva (2020). Quanto aos advérbios, acreditamos serem estruturas relevantes para delimitação devido (i) à sua frequência nos textos dos alunos, como evidenciado em trabalhos anteriores (CAMILLO, 2019; PAIVA, 2020) e (ii) à complexidade de seus usos e funções, como salientado por Ilari (2007).

Neste trabalho, entendemos que a escrita é produto da relação do oral com o letrado, relação essa que evidencia a heterogeneidade da escrita, tal como propõe Corrêa (1997), e que a vírgula, um sinal da escrita, atua em diferentes dimensões da linguagem, tal como evidenciado por Chacon (1996).

Na próxima seção, tratamos mais detalhadamente das abordagens da vírgula, da noção de escrita que norteia o uso desse sinal, além de caracterizarmos essa pesquisa em relação a outras que trataram dos usos de vírgulas em textos escolares dos anos finais do EF II. Em seguida, passamos ao detalhamento do material de cujos textos de análise foram retirados e ressaltamos as escolhas metodológicas tomadas, visando chegar ao resultado da investigação. Na sequência, em “Descrição e análise de dados”, pretendemos demonstrar as tendências de estruturas privilegiadas nos usos convencionais de vírgula em esquema duplo, bem como discutir sobre os aspectos enunciativos mobilizados pelos alunos no processo de escrita. Encerramos o texto apontando contribuições para o tema e desafios que ainda precisam ser investigados.

## **Fundamentação teórica**

A vírgula, tradicionalmente, em gramáticas normativas, é caracterizada como um sinal gráfico cuja função no texto é marcar a pausa para a respiração no momento da leitura. Isso caracterizaria a função da vírgula em estreita relação com a oralidade. No entanto, como questiona Dahlet (2006, p. 142), há uma certa fragilidade nessa caracterização, uma vez que “é contraditório o fato de referir ao conceito de pausa, cujo domínio de aplicação é o registro falado, quando se trata da pontuação, cujo domínio é por natureza o da escrita”. Além disso, essas gramáticas limitam-se a dizer que a vírgula tem como única função a segmentação, listando e enumerando as estruturas delimitadas pelo sinal.

De uma perspectiva mais ampla, Dahlet (2006) compreende a vírgula como o sinal de pontuação de maior complexidade, uma vez que pode funcionar ora em esquema simples (/.../), com função majoritária de segmentação, ora em esquema duplo (/.../.../), assumindo função de hierarquização das ideias do texto. Nesse sentido, valendo-nos de propostas anteriores sobre os usos da vírgula, tais como a de Chacon (1996), Esvael (2005),

Soncin (2014), Carvalho (2019) e Paiva (20220), consideramos ser necessário, antes de tudo, compreender o papel da escrita e das práticas orais e letradas tanto no processo de escolarização, como em práticas menos formais, características do cotidiano, tal como propõe Corrêa (1997), a partir da análise de textos de alunos vestibulandos.

Corrêa (1997) toma, em sua investigação, a escrita como objeto de pesquisa, propondo, ao final, o chamado modo heterogêneo de constituição da escrita. Para tanto, o autor assegura seu interesse em olhar para a escrita produzida na escola, pensando “na possibilidade de abordá-la, tomando-a a partir da relação entre sujeito e linguagem, do ponto de vista de sua sempre dada e, ao mesmo tempo, sempre inédita relação com a oralidade.” (CORRÊA, 1997, p. 2). No imaginário do escrevente sobre a escrita estão registradas relações com a linguagem que permeiam o contexto de produção dessa escrita, portanto, registram-se também marcas linguísticas específicas desse contexto. Para Corrêa (1997, p. 14), considerar esse imaginário significa contribuir (i) para definição do papel da escrita na sociedade e (ii) para o ensino da escrita no processo de escolarização.

Cabe destacar que Corrêa (1997) propõe, ainda, o modo heterogêneo de constituição da escrita, proposta cujos pontos destacamos: o questionamento do papel da escrita como representação da fala e, sobretudo, a hipótese de que tanto no falado, como no escrito, há, segundo o autor, uma relação menos evidente da linguagem, que tem a ver com a relação que se estabelece entre sujeito e linguagem, sendo que

Marcada por pistas linguísticas específicas, é ela que orienta o grau de convivência entre o oral/falado e o letrado/escrito, bem como define o modo heterogêneo de constituição de cada uma dessas modalidades. A imagem que o escrevente faz da língua atua, portanto, nesse modo de constituição da escrita [...]. (CORRÊA, 1997, p. 78).

Nesse ponto, o autor define o modo heterogêneo de constituição da escrita como “uma particularização, para o domínio da escrita, do encontro das práticas orais/faladas e letradas/escritas, considerando, ao mesmo tempo, a dialogia com o já falado/ouvido e com o já escrito/lido.” (p. 87). Nessa direção, diferentes dimensões da linguagem são consideradas no texto, dado que elas são produtos das atitudes dos escreventes em relação ao evento da linguagem (p. 79). No caso de Corrêa, o vestibular da UNICAMP; em nosso caso, de textos produzidos por alunos de EF II, em um curso de extensão de produção escrita.

A propósito das diferentes dimensões da linguagem, Chacon (1996) propõe um estudo acerca do ritmo da escrita e sua operação na atividade de produção textual, considerando que a linguagem organiza-se de uma perspectiva multidimensional. Ao tomar como *corpus* redações de vestibulandos, tal como Corrêa (1997), Chacon (1996, p. 28) destaca que um texto, oral ou escrito, organiza-se numa relação de continuidade e descontinuidade

da linguagem, entendendo, a partir disso, “o ritmo como um recurso organizador da linguagem”. Ainda acrescenta: “É por meio do ritmo que podemos, pois, pensar numa integralização de pontos de vista na enunciação, numa organização multidimensional da linguagem.” (p. 28). Em outras palavras, não basta conceber o ritmo a partir de um único “nível” da linguagem, mas sim, tomá-lo em diferentes níveis.

Chacon (1996) escolhe como marca gráfica – para melhor análise e apreensão do ritmo da escrita – os sinais de pontuação, justificando essa opção, em primeira instância, pelo caráter essencialmente gráfico desses sinais. Segundo o autor, os sinais de pontuação são

[...] marcas privilegiadas de observação do ritmo da escrita: são, por natureza, marcas gráficas e, por isso, ocorrem exclusivamente nas práticas de linguagem que contam com a participação da escrita; são marcas linguísticas, já que cumprem papel delimitativo de unidades estruturais da modalidade escrita da linguagem. (CHACON, 1996, p. 120-121).

Além do caráter gráfico e da natureza linguística (por considerarem não só a dimensão fônica – como é o caso das letras em relação ao som –, mas também a dimensão semântica das estruturas as quais delimitam), o autor também pontua o caráter polissêmico dos sinais de pontuação, isto é, os diversos valores possíveis de serem atribuídos a um mesmo ou a diferentes sinais de pontuação. Em outras palavras, para o autor (1996, p. 123), essa polissemia permite focalizar em fatos fortemente ligados ao uso da linguagem em sua forma escrita. Relativamente a essa escolha, Chacon (1996) argumenta que a organização multidimensional da linguagem feita pelo ritmo pode ser evidenciada pelos sinais de pontuação, que delimitam as unidades linguísticas, na medida em que evidenciam as dimensões da linguagem, seja de caráter fônico, gramatical, semântico, prosódico ou enunciativo. Para nossa pesquisa, interessa-nos considerar a atuação da vírgula nessas diferentes dimensões, partindo, a princípio, da evidência de seu caráter enunciativo nos textos dos alunos de Ensino Fundamental II. Sobre isso, Chacon (1996, p. 126) estabelece uma relação entre essa função enunciativa da pontuação e a existência de um interlocutor na produção escrita, argumentando que “o próprio fato de se pontuar já é a marca mais flagrante da presença do interlocutor na produção textual: pontua-se para alguém, pontua-se com a expectativa de leitura, com a expectativa de se fazer entender”.

Sob esse caráter multidimensional da pontuação, Esvael (2005) busca também justificar como os usos da vírgula, em textos produzidos por estudantes universitários, evidenciam a função enunciativa da pontuação. Segundo ela, na atividade de pontuação, sobrepõem-se aspectos, tanto da oralidade, quanto do letramento, considerados fundamentais para a construção de sentidos, de forma que “a constituição do sentido de um enunciado passa, pois, pela pontuação.” (ESVAEL, 2005, p. 12).

Ancorada na teoria da enunciação, de Bakhtin (1986), a autora aponta para a forte relação dos sentidos com as representações que os sujeitos escreventes têm e fazem do mundo no seu processo de produção da escrita, de modo que a vírgula atua nessa enunciação, isto é, na relação do discurso como um todo (ESVAEL, 2005, p. 20). Isso significa que

[...] a construção do sentido do enunciado é dialógica na medida em que o escrevente projeta um leitor virtual com quem negocia o sentido do texto. Na qualidade de registro gráfico dessa negociação, os sinais de pontuação funcionam como pistas, dentre as quais o uso da vírgula assinala uma das escolhas enunciativas do escrevente nesse mesmo processo de construção do sentido do enunciado. (ESVAEL, 2005, p. 22).

Para Bakhtin (1986), a enunciação é orientada por um aspecto de ordem social e um ideológico à medida em que são atribuídos ao escrevente, e aos seus interlocutores, papéis sociais organizados hierarquicamente e com valores específicos. Nesse sentido, “essa atribuição de valor se evidencia na imagem que o escrevente faz do seu leitor e é retratada em seu texto por meio de marcas linguísticas” (ESVAEL, 2005, p. 22), sendo os sinais de pontuação uma dessas marcas. Quanto à vírgula, a análise de Esvael (2005) proporcionou uma constatação: a de que os escreventes não pontuam aleatoriamente, já que eles se assumem como o “eu” do seu próprio enunciado, fazendo-o através de marcas linguísticas, como a vírgula. A autora acrescenta:

[...] ao pontuar com vírgulas o seu enunciado, o escrevente estabelece relações dialógicas que podem ser processadas sob diferentes aspectos da linguagem, com destaque para os aspectos prosódico, sintático e semântico. [...] Ao estabelecer essas relações por meio do uso da vírgula, revela a dimensão enunciativa desse uso. Essa dimensão extrapola os parâmetros normativos que regem o emprego dos sinais de pontuação. (ESVAEL, 2005, p. 108).

Tratar desse caráter enunciativo das vírgulas em textos argumentativos de alunos do último ano do EF II configura-se, pois, como nosso ponto de partida analítico desta pesquisa.

Sobre a vírgula, como mencionado acima, Dahlet (2006) aponta para sua complexidade ao colocá-la em duas possibilidades de organização sintática: o esquema simples e o esquema duplo. Interessa-nos, particularmente, esse segundo, caracterizado pela autora como um *signal relacional de hierarquização*. Nas palavras de Dahlet (2006, p. 152), “a vírgula põe em espera (em *stand by*) um ou vários segmentos, em razão do não fechamento do sentido”. Responsável, portanto, por hierarquizar a organização sintático-semântica do texto, a vírgula delimita segmentos que Dahlet (2006) chama de “antepostos” (vocativo, sintagma nominal ou preposicional, grupo adjetival, orações subordinadas, etc.) e “desligados” (apostos, conectivos, orações adjetivas explicativas, retomadas, etc.).

Levando em conta essas duas possibilidades de atuação da vírgula, Carvalho (2019) busca descrever e analisar regularidades sintáticas e prosódicas quanto ao emprego convencional e não convencional das vírgulas em textos do gênero relato, produzidos por alunos do EF II, de uma perspectiva longitudinal, isto é, considerando o tempo de escolarização dos alunos. Quantitativamente, a autora constata que os usos não convencionais de vírgula por ausência sobrepõem-se aos convencionais, correspondendo a mais da metade dos dados. Além disso, ela atesta que, ao longo dos anos de escolarização, os usos convencionais, isto é, os usos em consonância com a gramática normativa ensinada na escola aumentam progressivamente. Ao interpretar qualitativamente esses dados, Carvalho considera que os alunos avançam na medida em que eles têm mais contato com práticas letradas de escrita conforme avançam os anos de escolarização. Nesse sentido, o ensino da pontuação – principalmente nos anos finais do EF II – influencia a produção textual dos alunos como um todo, de modo que analisar esses dados do ponto de vista linguístico leva a detectar hipóteses da relação do aluno com as práticas letradas formais ensinadas na escola, práticas essas que parecem condicionar os usos da vírgula (CARVALHO, 2019). Por fim, cabe destacar que, estatisticamente, os dados analisados por Carvalho (2019) apontam para um maior emprego do esquema duplo nos anos finais do EF II, especialmente no 9º ano.

Semelhantemente a Carvalho, Paiva (2021) também olha para os usos de vírgula de uma perspectiva sintático-prosódica, assumindo os usos não convencionais não como erro, mas sim, como pistas de regularidades de fronteiras prosódicas nos enunciados. Diferentemente de Carvalho (2019), Paiva (2021) apropria-se de uma descrição transversal dos dados de ausência e presença de vírgula, em esquema duplo especificamente, em textos argumentativos do último ano do Ensino Fundamental II. Com o intuito de ressaltar a complexidade dos usos e não usos da vírgula, Paiva (2021) suscita o ponto de vista que parte da sintaxe dos enunciados escritos a fim de estabelecer relações com a organização prosódica destes. No que tange às estruturas sintáticas, a autora identificou e delimitou duas: as estruturas encaixadas e as deslocadas em relação à ordem sintática canônica da gramática da língua portuguesa. Quanto a elas, Paiva (2021, p. 99) constatou que há tendência de ausência de vírgulas para as duas estruturas, mas que as estruturas deslocadas parecem ser menos reconhecíveis para os alunos como contexto para colocação de vírgulas. Relativamente à organização prosódica, a autora destaca as frases entoacionais (I) como principal constituinte fonológico que atua nos usos das vírgulas, sendo que, quanto maior o tamanho das estruturas – considerando-se o número de sílabas maior do que cinco –, maiores as chances de elas serem marcadas por vírgulas, evidenciando, portanto, essa relação sintático-prosódica.

Soncini (2014) também teoriza a respeito das vírgulas em textos do EF II, discutindo a complexidade linguístico-discursiva relativamente ao emprego das vírgulas e à organização prosódica da escrita. Constatando, pois, que os usos da vírgula são fortemente motivados pela organização prosódica da língua, ela toma a prosódia “não como algo formal e acessório, mas como propriedade da linguagem mobilizadora de



sentidos" (SONCIN, 2014, p. 285). Ademais, a autora assume uma perspectiva relacional entre enunciação, discurso, língua e a própria prosódia, de modo que a vírgula assume o papel de construção de sentidos nos enunciados escritos. Nesse sentido, Soncin (2014) reformula a proposta de Chacon (1996) quanto à multidimensionalidade da linguagem, assumindo que enunciação não se trata exatamente da dimensão da linguagem organizadora dessa multidimensionalidade, mas que "prosódia e enunciação, por se constituírem mutuamente, formam uma dimensão complexa da linguagem, sendo essa a dimensão que organiza as demais, a saber, a sintática e a textual." (SONCIN, 2014, p. 285).

Ao lidar, tal como Paiva (2021), com textos do gênero argumentativo do último ano do EF II, Soncin (2014) contribui para a compreensão linguística da complexidade do funcionamento da vírgula ao considerar que os alunos escreventes lidam com um aumento de "tensões enunciativo-discursivas", motivadas pelo processo de escrita institucional escolarizada. Ainda segundo a autora,

Para a produção desses gêneros "novos" em contexto escolar, os sujeitos se ancoram em práticas de linguagem já conhecidas e, assim, por meio da representação dessas práticas, as vírgulas indicam a tentativa de alcançar o presumido social do gênero conforme a orientação dada em ambiente escolar sobre como funcionam esses gêneros novos em suas respectivas esferas de circulação. (SONCIN, 2014, p. 287).

Esta pesquisa está em congruência com os estudos anteriormente apresentados, mas particulariza-se pela delimitação do objeto. Buscamos descrever e analisar a relação de complexidade entre usos da vírgula em textos argumentativos no último ano do EF II, quando mobilizadas estruturas adverbiais (advérbios e locuções adverbiais), tomando como ponto de partida a função enunciativa da vírgula nos enunciados escritos, tal como apontado por Esvael (2005) e Chacon (1998).

No que diz respeito às estruturas adverbiais, Ilari (2007) aponta para sua grande complexidade, ao questionar critérios tradicionais para classificar palavras como advérbio, além de considerar a sua diversidade de emprego pelos sujeitos em suas interações. Nesse sentido, advérbios e locuções adverbiais assumem funções bastante diferenciadas, e não uma extremamente genérica, como "modificação" (ILARI, 2007, p. 154), considerando-se que não se trata de uma classe de palavras com características morfossintáticas uniformes. Assim sendo, para Ilari, é necessário: (i) aprofundar essas distinções, (ii) organizar essa heterogeneidade de funções e (iii) "romper" com a tradição de enquadrar todas as palavras em classes. No que tange a essas funções, interessa-nos destacar a possibilidade de sua função modalizadora, caracterizada por Neves (2011; 2018) como uma ampla classe de elementos com valor adverbial, usados para indicar o grau de adesão do falante ao que é enunciado, de modo a definir a validade ou o valor



de verdade de um determinado enunciado. Dessa forma, percebemos e identificamos crenças e opiniões do falante acerca do que é dito/escrito. Ao nosso ver, as estruturas adverbiais, delimitadas pelas vírgulas convencionais, parecem ser responsáveis por articular as relações de sentido entre o que é dito antes e depois dessas estruturas, na medida em que são mobilizadas pelos escreventes, motivados pela existência do interlocutor, já que é este o destinatário da argumentação. Assim, é fundamental também considerar o escopo dessas expressões adverbiais, ou seja, o segmento sintático ao qual um advérbio está relacionado, que fogem, segundo Ilari (2007, p. 154), às prerrogativas normativas de que advérbios só são ligados a eles mesmos, a verbos e a adjetivos.

## Material e metodologia

O material que compõe o *corpus* desta pesquisa pertence ao Banco de Dados de Produções Escritas do Ensino Fundamental II (TENANI, 2015), resultado do desenvolvimento de um projeto de extensão universitária da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), realizado ao longo dos quatro anos letivos do Ensino Fundamental II (entre 2008 e 2011) e que são resultado de oficinas de leitura e escrita sobre diferentes gêneros e temas. Todas as atividades de leitura e escrita da língua portuguesa desenvolvidas no projeto ancoram-se, conforme Tenani e Longhin-Thomazi (2014), na concepção de escrita de Corrêa (2004), que a considera como uma modalidade inserida nas práticas letradas, mas vinculadas, também, às práticas orais. É válido pontuar que todas as propostas e atividades do projeto de extensão foram elaboradas e desenvolvidas de acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), vigente à época. Cabe salientar que esse documento oficial da educação do estado, em consonância com os Parâmetros Nacionais Comuns Curriculares (PCNs), auxilia na justificativa quanto ao gênero textual analisado nesta pesquisa.

Em primeiro lugar, a escolha do 9º ano Ciclo II do Ensino Fundamental (na época de produção dos textos, 8ª série), deveu-se a resultados expressivos de usos convencionais e não convencionais de vírgula em esquema duplo encontrados em Camillo (2019). Esses resultados, como apontamos na seção anterior, são corroborados pelo estudo longitudinal de Carvalho (2019) de que estruturas sintáticas que mobilizam os usos do esquema duplo das vírgulas começam a aparecer nos últimos anos do Ciclo II (8º, 9º), de modo que são mais frequentes no último.

Levando em conta esses resultados sobre pontuação, voltamos nossa atenção à Proposta Curricular do Estado de São Paulo e aos PCNs, que assumem a premissa de que é preciso partir do texto, considerando-se sua tipologia e seu contexto de produção, para oferecer aos alunos conteúdos específicos, além do desenvolvimento de habilidades e competências, como as práticas de leitura e escrita. Distribuído em quatro eixos fundamentais – *Tipologias textuais, gêneros textuais, texto e discurso* e *texto e história* – o conteúdo programático da Proposta concebe o gênero argumentativo como

fundamental a ser trabalhado no último ano do EF II. A pontuação também aparece como conteúdo linguístico a ser trabalhado nesse ano escolar. Relativamente à escolha do gênero, essa proposta de investigação, além de estar em consonância com o que é previsto na proposta curricular do estado, coloca um questionamento acerca da relação entre pontuação e gênero, isto é, em que medida os usos e não usos da vírgula em esquema duplo são motivados pela relação dialógica entre o aluno e seu texto? Essa indagação implica considerar que o gênero argumentativo instaura relações entre a fala e escrita, consideradas as diversas práticas orais e letradas em que os gêneros textuais circulam, de modo que essas relações, em certa medida, motivam o registro dos sinais de pontuação. Ancoramo-nos também no trabalho de Soncin (2014) que, ao direcionar sua análise para usos de vírgula (em esquema simples e duplo) em cartas argumentativas e artigos de opinião, considera as relações enunciativas existentes entre locutor/escrevente e interlocutor/leitor e afirma que “a argumentação é construída com base na previsão daquilo que o interlocutor espera, de tal modo que se devem encontrar os pontos de acordo entre os participantes da interação verbal” (SONCIN, 2014, p. 106).

No que concerne à escolha das estruturas adverbiais (advérbios e locuções adverbiais), a seleção foi motivada, em primeiro lugar, pela alta frequência desses dados encontrados por Camillo (2019). Em segundo lugar, essa delimitação, conforme proposto por Ilari (2007), destacado e exemplificado por Paiva (2021), considera a diversidade de funções passíveis de serem atribuídas às estruturas adverbiais nos enunciados falados e escritos, e, conseqüentemente, a complexidade envolvendo seus usos e suas significações. Essas estruturas sintáticas têm, além de papel delimitador para usos e não usos da vírgula em esquema duplo, papel modalizador ao serem selecionadas pelos alunos para compor o texto argumentativo, atuando na construção de sentidos e na hierarquização de seus argumentos contra ou a favor da internacionalização da Amazônia.

## **Descrição e delimitação do material**

O material da pesquisa compreende 294 textos, produzidos por 98 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, na época, 8ª série. No presente trabalho, apresentamos a análise de algumas ocorrências selecionadas de 98 textos, produzidos por 98 alunos, sobre o tema “A internacionalização da Amazônia”, discussão em pauta nacional e internacional na ocasião, dadas as preocupações com a conservação da floresta amazônica. A proposta solicitava que os alunos se posicionassem a favor ou contra a internacionalização da floresta, considerando três textos de apoio para abordar o tema.

Na produção dos estudantes, identificamos as estruturas sintáticas em que os usos da vírgula em esquema duplo ocorrem e, na sequência, privilegiamos a seleção de estruturas de caráter adverbial. Nossa intenção, assim como descrito por Paiva (2021), é tratar da complexidade envolvida no uso das estruturas adverbiais e a marcação sintática feita pela vírgula. Em vista disso, consideramos, além dos usos, os não usos da vírgula

em esquema duplo, uma vez que essa ausência é motivada e também é detentora de sentidos. Segundo Paiva (2021, p. 38), a “vírgula atua tanto no eixo sintagmático, em que uma possibilidade de uso depende da outra, quanto no eixo paradigmático, que são as escolhas entre presença e ausência da vírgula nas estruturas sintáticas e é justamente esse ‘estar’ e ‘não estar’ que mostra a complexidade do objeto linguístico”. Essa complexidade é evidenciada, se considerarmos que esses usos mobilizam dimensões fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e enunciativas, isto é, a multidimensionalidade da linguagem, tal como proposto por Chacon (1996).

Quantificamos os dados quanto (i) ao tipo de combinação de vírgulas em esquema duplo; (ii) o tipo de estrutura sintática (se *advérbio* ou *locução adverbial*) e (iii) tamanho, do ponto de vista fonológico, das estruturas sintáticas. No que concerne às estruturas adverbiais, o fato de se tratar de estruturas muito complexas, sintática e semanticamente, como já mencionamos, fez com que considerássemos os trabalhos de Ilari (2007) e Neves (2011, 2018). Acoradas nesses autores, tratamos como dados para esta pesquisa palavras e expressões que tivessem e assumissem função adverbial, ainda que não tratadas como tais pela tradição gramatical. Dessa consideração, para fins de descrição e análise, definimos e caracterizamos dois grupos e/ou estruturas: (1) *advérbios*, que compreendem palavras únicas com função adverbial; (2) *locuções adverbiais*, que compreendem duas ou mais palavras com função adverbial.

Relativamente ao tipo de combinação de vírgulas, consideramos quatro possibilidades: ausência de vírgula em ambas as fronteiras da estrutura sintática (tipo 1 *ausência-ausência*), ausência de vírgulas em uma das fronteiras (tipo 2 *ausência-presença* ou tipo 3 *presença-ausência*) e presença de vírgulas em ambas as fronteiras das estruturas sintáticas (tipo 4 *presença-presença*). Dessas combinações, apenas o tipo 4 atende ao previsto pelas gramáticas normativas, sendo os demais usos classificados por “erros de pontuação”.

Afastamo-nos dessa classificação de “erros” e “acertos” quanto aos usos e não usos da vírgula, tal como o fizeram Soncin (2014), Carvalho (2019) e Paiva (2021), considerando que todos esses usos configuram-se como pistas da relação dialógica entre o aluno e seu texto, isto é, de uma função discursivo-enunciativa possível de ser observada no processo de hierarquização dos enunciados, seja através da ausência de vírgulas em duas posições da estrutura sintática, seja com a presença de apenas uma das vírgulas. Caracterizado o material e os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, passamos para a descrição e análise parcial dos dados até o dado momento.

## **Descrição e análise de resultados**

Nessa parte, interessa-nos descrever e analisar algumas características das estruturas adverbiais investigadas, aliadas às quatro possibilidades de combinação possíveis de

vírgula em esquema duplo. Para isso, em primeiro lugar, consideramos números absolutos e percentuais calculados quanto aos dados de vírgula em esquema duplo, levantado o conjunto de 195 dados, em 98 textos. Consideramos válido pontuar que, embora tenhamos tomado algumas decisões metodológicas básicas para o desenvolvimento da pesquisa e análise dos dados, alguns dados ainda precisam de um olhar mais atento e refinado. Os resultados quantitativos podem ser observados na Tabela 1 abaixo:

**Tabela 1.** Usos convencionais e não convencionais de esquema duplo

Usos de vírgulas		Nº de ocorrências	Percentual (%)
<b>Convencional</b>	<b>P-P</b>	21	10,8
<b>Não convencional</b>	<b>P-A</b>	32	16,4
	<b>A-P</b>	18	9,2
	<b>A-A</b>	124	63,6
<b>TOTAL</b>		195	100

Legenda: **P** (presença) e **A** (ausência)

**Fonte:** Elaboração própria

Dessa amostra, constata-se o predomínio de usos não convencionais em estruturas adverbiais deslocadas que requerem o uso de vírgulas em esquema duplo, totalizando 89,2%, enquanto os dados convencionais (presença de vírgula em ambas as fronteiras da estrutura) correspondem a 10,8%. Dos dados não convencionais, a maior parte diz respeito à ausência total de vírgulas (A-A), correspondendo a 63,6% dos dados. Trata-se de um alto número, já esperado, corroborando as constatações de Carvalho (2019) e Paiva (2021), de que os alunos tendem a não empregar a vírgula convencionalmente.

Sobre a ausência de vírgulas em ambas as fronteiras sintáticas, Paiva (2021) demonstra a relação complexa existente entre estrutura sintática, extensão da estrutura e a presença de fronteira de frase entoacional (I) para os dados de vírgula em esquema duplo. Dos resultados, interessa-nos destacar que, em estruturas deslocadas de curta extensão, as vírgulas estão ausentes independentemente de haver ou não fronteira de frase entoacional. Relativamente a esses resultados, para Tenani (2021), as ausências de vírgulas são efeito das relações entre a dimensão fônica e a dimensão sintática da linguagem, da perspectiva de Chacon (1996) acerca da multidimensionalidade dos sinais de pontuação, de modo que “essas relações de natureza gramatical são mobilizadas pelos alunos enquanto escreventes e falantes imersos na prática de produção textual” (TENANI, 2021, p. 9).

No que diz respeito às estruturas sintáticas, em seu trabalho de análise longitudinal dos usos das vírgulas simples e duplas, Carvalho (2019) constatou que, em textos do último

ano do EF II, houve aumento significativo de estruturas deslocadas que demandam o esquema duplo de vírgulas, entre elas, advérbios e locuções adverbiais, ainda que esse resultado não tenha configurado, como se esperava, aumento nos usos convencionais da vírgula. Isso porque o emprego de vírgulas em esquema duplo, segundo a autora, “contribui para a conclusão de que a informação sintática não é suficiente para garantir que a vírgula, no contexto mencionado, seja utilizada de forma convencional” (CARVALHO, 2019, p. 138). A Tabela 2 mostra a distribuição de dados quanto à estrutura sintática mobilizadas e a combinação de vírgulas empregada:

**Tabela 2.** Tipos de estruturas sintáticas em combinações de esquema duplo

Usos de vírgulas		<b>Advérbios</b>	<b>Locuções Adverbiais</b>	<b>TOTAL (%)</b>
<b>Convencional</b>	<b>P-P</b>	7	14	21 (10,8)
<b>Não convencional</b>	<b>P-A</b>	13	19	32 (16,4)
	<b>A-P</b>	8	10	18 (9,2)
	<b>A-A</b>	55	69	124 (63,6)
TOTAL		83 (42,3)	112 (57,4)	195 (100)

Legenda: **P** (presença) e **A** (ausência)

**Fonte:** Elaboração própria

Na tabela acima, é possível relacionar a frequência dos dois tipos de estruturas adverbiais deslocadas (advérbios e locuções adverbiais) com a disposição das vírgulas nas fronteiras sintáticas dessas estruturas. Observamos a seleção de 112 *locuções adverbiais* (57,4%) privilegiadamente a 83 *advérbios* (42,3%) em dados de vírgula em esquema duplo pelos alunos em seus textos.

Com relação ao tamanho de ambas as estruturas, acreditamos ser interessante pontuar que, somados advérbios e locuções adverbiais, 19,5% (38/195) são de tamanho **grande**, enquanto 80,5% (157/195) são de tamanho **pequeno**. De uma perspectiva fonológica, foram consideradas estruturas de tamanho *pequeno* aquelas com cinco ou menos sílabas, enquanto as estruturas de tamanho *grande*, aquelas com mais de cinco sílabas. Os exemplos a seguir pretendem tornar mais clara esta divisão:

- (1) *Ao contrário dessa discussão, não acho que a Amazônia tinha “um dono”. Mas, tecnicamente, geograficamente é mais que óbvio que pertence aos brasileiros.* (Z11\_8D\_33F\_05), aluno 117.

Advérbio com mais de 5 sílabas (tamanho **grande**)

- (2) *Na minha opinião todos **sim** devemos visitar a floresta, ou seja, as árvores que cortam de acordo com a lei [...]* (Z11\_8A\_30F\_05), aluno 236.

Advérbio com menos de cinco sílabas (tamanho **pequeno**)

- (3) *Se esta internacionalização se concluir, **daqui alguns anos**, este nosso patrimônio, estará totalmente devastado [...]* (Z11\_8C\_39F\_05), aluno 209.

Locução adverbial com mais de cinco sílabas (tamanho **grande**)

- (4) *E pouco a pouco a Amazônia vai se acabando, **ou melhor**, nós vamos acabando com ela!* (Z11\_8E\_02F\_05), aluno 13.

Locução adverbial com menos de cinco sílabas (tamanho **pequeno**)

Quando analisadas as estruturas de tamanho **grande** (38), apenas uma corresponde a um advérbio, sendo as outras locuções adverbiais. Por outro lado, com as estruturas de tamanho **pequeno** (157), 85 dados são de *advérbios* e 75, de *locuções adverbiais*. Esses resultados não confirmam nossas expectativas iniciais de que haveria maior quantidade de *locuções adverbiais de tamanho grande*, mas nos surpreendem ao evidenciar grande quantidade dessas estruturas de tamanho *pequeno*. Dessa forma, ao contrário do que esperávamos, não é possível, tomando como base esses resultados parciais, afirmar que estruturas adverbiais de tamanho grande motivam ausência total ou parcial de vírgulas nas fronteiras de advérbios e locuções adverbiais. Trata-se, no entanto, de informação gramatical que ainda pretendemos analisar mais detidamente.

Para além do funcionamento sintático dos advérbios e locuções adverbiais, nossas hipóteses explicativas para usos e não usos de vírgulas em esquema duplo são norteadas pelas funções semânticas e discursivas dessas estruturas, que categorizamos com base na nomenclatura proposta em Ilari (2007) e Neves (2011, 2018). Do total de 195 ocorrências, destacamos os dados mais recorrentes, visando a caracterizá-los:

- 32 dados (cerca de 16,14%) que correspondem a advérbios de afirmação, sendo que todos eles correspondem ao advérbio “sim”. Esse alto número já era esperado, dado que, em Camillo (2019), encontramos quantidade expressiva de ocorrências de “sim” em textos sobre o tema “Preocupação dos adolescentes com o futuro”, também do gênero artigo de opinião. Ao usar esse advérbio afirmativo, os alunos parecem estabelecer relação dialógica com seus próprios textos, respondendo afirmativamente a perguntas condicionadas pelas propostas de produção textual: (i) os adolescentes se preocupam com o futuro? e (ii) a Amazônia deve ser internacionalizada?
- 29 dados que indicam noções temporais (cerca de 14,9%), como os advérbios *agora* e *hoje*, e as locuções adverbiais *daqui alguns anos*, *até hoje*, *hoje em dia*, *no futuro*. As estruturas adverbiais de tempo, em sua maioria no tempo presente e futuro, são importantes para a sequência textual dos alunos na medida em que estabelecem

relações sobre como a Amazônia está agora e sobre como ela ficará no futuro com ou sem sua internacionalização.

- 25 advérbios e locuções que categorizamos como modalizadores (cerca de 12,8%), como *tecnicamente, claro, na minha opinião, para mim, com certeza, sem dúvida*. Responsáveis, sobretudo, por delimitar a validade do enunciado segundo a perspectiva do falante/escrevente (NEVES, 2011), essas estruturas caracterizam a opinião do aluno sobre ser a favor ou contra a internacionalização da floresta, marcando seu enunciado como digno de crédito.
- 20 advérbios e locuções adverbiais caracterizados como juntivos (cerca de 10,8%), com destaque aos advérbios *assim* e *então*, que estabelecem relação conclusiva com a porção anterior.

Dada a descrição das principais relações de sentido estabelecidas pelos advérbios e locuções adverbiais que foram mais recorrentes nos enunciados analisados, passamos a caracterizar seu papel nos usos e não usos da vírgula em esquema duplo.

Ao nos atentarmos, em primeiro lugar, para dados de *presença-presença*, buscamos encontrar recorrências de estruturas adverbiais e tendências nesses usos – de quantidade pouco expressiva – que nos levassem a uma hipótese explicativa da motivação para haver marcação gráfica convencional em estruturas que demandam ambas as vírgulas em suas fronteiras. A categorização das estruturas quanto às suas funções de sentido mobilizadas nos enunciados nos levou à percepção de que há uma *estrutura sintática menor* (advérbios e locuções adverbiais) guiando *estruturas maiores* (os sintagmas e orações nos enunciados produzidos pelos alunos). Dessa forma, são os advérbios e locuções quem mobilizam sentidos distintos para estabelecer conexões sintático-semânticas com as porções que vêm antes e depois deles. Os exemplos (1) a (5) possibilitam elucidar melhor:

1. Considerada patrimônio brasileiro, muitos outros países querem internacionalizá-la para que, **assim**, ela tenha uma proteção maior do que tem hoje [...]. (Z11\_8B\_24F\_05), aluno 62. - **função juntiva conclusiva**.
2. Ao contrário dessa discussão, não acho que a Amazônia tinha “um dono”. Mas, **tecnicamente**, geograficamente é mais que óbvio que pertence aos brasileiros. (Z11\_8D\_33F\_05), aluno 117. - **função modalizadora**.
3. [...] os recursos são nossos e a gente paga por uma coisa que o Brasil cuida, **pra mim**, isso é uma falta de “sacanagem” com o povo brasileiro [...]. (Z11\_8E\_04M\_05), aluno 30. - **função modalizadora**.



4. E pouco a pouco a Amazônia vai se acabando, **ou melhor**, *nós vamos acabando com ela!* (Z11\_8E\_02F\_05), aluno 13. - **função reformuladora**.
5. Se esta internacionalização se concluir, **daqui alguns anos**, este nosso patrimônio, estará totalmente devastado [...]. (Z11\_8C\_39F\_05), aluno 209. - **função circunstancial de tempo**.

A respeito da categorização das funções, cabe-nos destacar algumas observações com relação às funções modalizadora e reformuladora. Ilari (2007) considera estruturas com **função modalizadora** (exemplos 2 e 3) advérbios e locuções de circunscrição, cujo objetivo é limitar um ponto de vista (como *geograficamente*, *tecnicamente*), quase-modais e de atitude proposicional, que modalizam a asserção, referindo-se às opiniões e expectativas dos falantes/escritores (como *provavelmente*, *possivelmente*, *na minha opinião*, *para mim*). Com relação ao exemplo (4), a expressão “ou melhor”, de **função reformuladora**, assume caráter adverbial por mobilizar a reconstrução do enunciado formulado, tal como “ou seja”, “isto é”, e atribuir um novo sentido à argumentação.

Notadamente, nos exemplos (1) e (2) são mobilizados advérbios como estruturas que demandam vírgula em esquema duplo, enquanto nos exemplos (3), (4) e (5), são mobilizadas locuções adverbiais. Por ora, essa distinção não se configurou como ponto importante para a compreensão das estruturas do ponto de vista semântico-discursivo e enunciativo. Embora categorizadas com nomenclaturas distintas, todas essas estruturas parecem ter um papel comum: marcar a opinião do sujeito escritor com relação à internacionalização da floresta amazônica, estabelecendo diálogo do escritor com seu próprio texto e também com o seu leitor, que avalia esse ponto de vista a ele dirigido. Nesse sentido, ao se confrontar a necessidade de argumentação, os alunos mobilizam a seleção de estruturas adverbiais (advérbios e locuções adverbiais) como estratégias de modalização e argumentação em seus textos, a partir de estruturas de caráter temporal, delimitador, modalizador, reformulador, conclusivo, dentre outros, de modo que as vírgulas em esquema duplo marcam, sintaticamente, essa organização dos argumentos de maneira hierarquizada. Logo, a delimitação com vírgulas em ambas as fronteiras dessas estruturas adverbiais revelam a relação dialógica do aluno com o seu texto e também com seu interlocutor, evidenciando a dimensão enunciativa das vírgulas, em conformidade com as constatações de Esvael (2005).

Partimos dessas mesmas categorizações – consideradas as relações de sentidos mobilizadas pelos advérbios e locuções adverbiais – para corroborar as hipóteses interpretativas de Tenani (2021, no prelo) com relação aos dados não convencionais de vírgula em esquema duplo (ausência-presença e presença-ausência). A autora constata que a vírgula funciona, essencialmente, como sinal gráfico delimitador de enunciados e hierarquizador de sentidos no texto. Transcrevemos dois exemplos para melhor compreensão desse funcionamento:

6. Mesmo com o Brasil se desenvolvendo cada dia mais, a internacionalização seria de grande ajuda pois **assim**, todos se concientizariam mais [...] (Z11\_8B\_24F\_05, aluno 62).
7. A floresta Amazônica é um grande patrimônio mundial, ela não está somente no Brasil, está também em alguns países da América do Sul, **no Brasil** está a maior parte dela [...]. (Z11\_8B\_01M\_05, aluno 6)

Nos exemplos (6) e (7) a vírgula não convencional se difere quanto à posição. Em (6), o advérbio “assim” é responsável por estabelecer relações conclusivas entre as porções anteriores e posteriores, de modo que demanda, tradicionalmente, o esquema duplo de vírgulas. No entanto, a vírgula é usada somente à direita da estrutura. Embora não atenda à convenção, o uso de “assim”, revela a mobilização da estratégia de argumentação no processo de construção do seu texto, de gênero argumentativo solicitado. Conforme Tenani (2021, no prelo, p. 11),

O contraste entre o uso previsto e o uso empregado permite observar que as dimensões fônica, semântica e textual-enunciativa das vírgulas são as que mobilizaram a presença da vírgula. O não atendimento ao uso abonado da vírgula dá pista de que a dimensão sintática não se mostrou tão relevante ao escrevente, embora esta dimensão seja a mais valorizada pelas prescrições gramaticais quando consideradas práticas de escritas.

Nesse sentido, o uso não convencional das vírgulas em esquema duplo no exemplo (7) também revela o caráter discursivo-enunciativo desse sinal gráfico em consonância com a função semântica estabelecida pela locução adverbial “no Brasil”. Embora seja possível atribuir a essa fronteira outros sinais de pontuação, como (.) ou (;), essa locução adverbial que indica tempo está deslocada de sua posição original na frase: “a maior parte dela está no Brasil” e deve ser, portanto, marcada pelas vírgulas em ambas as fronteiras, o que, novamente, não ocorre, sendo apenas uma vírgula empregada à esquerda da locução. A marcação sintática por meio de uma única vírgula se dá em um lugar de fronteira, em que a expectativa construída (“ela não está somente no Brasil, está também em alguns países da América do Sul”), de saber qual a quantidade de presença da Amazônia está no Brasil, é finalmente revelada: “no Brasil está a maior parte dela”, e o contraste semântico é construído no enunciado escrito. Sendo assim, a mobilização de uma única vírgula nos enunciados, fugindo-se da convenção gramatical (quando deveria haver duas), passa, também, pelas diversas dimensões da linguagem: sintática, sobretudo, mas fônica, semântica, textual e enunciativa.

A possibilidade de mudança de ordem dessas estruturas, aliadas às possibilidades de presença e ausência de vírgulas, evidencia ainda mais o caráter enunciativo desse sinal gráfico de pontuação. Dessa maneira, reiteramos que os usos de vírgula em esquema duplo estão diretamente ligados à construção e organização dos enunciados escritos, uma vez que, ao mobilizarem advérbios e locuções adverbiais, delimitando-as

sintaticamente com as vírgulas, os alunos instauram sua argumentação em relação à internacionalização da Amazônia, respondendo ao gênero textual solicitado.

## Considerações finais

De uma amostra de 98 textos de turmas de 9º ano de Ensino Fundamental II, encontramos 195 advérbios e locuções adverbiais que, por estarem deslocadas da ordem sintática canônica do português, demandam o uso de vírgula em esquema duplo. A presença, convencional ou não, de vírgulas em esquema duplo nessas estruturas parece ser condicionada pela relação dialógica do escrevente com seus enunciados, de modo que as vírgulas são marcas linguísticas as quais, sintaticamente, delimitam os argumentos enfatizados pelas estruturas adverbiais, que assumem caráter, sobretudo, modalizador.

Como sequência deste trabalho, pretendemos:

- Investigar em que medida os usos da vírgula em construções adverbiais estão relacionados ao tema da proposta de produção textual. Essa proposta ancora-se na percepção de resultados de trabalho anterior (CAMILLO, 2019), que identificou, em textos cujo tema era “Preocupação dos adolescentes com o futuro” estruturas adverbiais semelhantes às encontradas nos resultados, ora descritos, sobre o tema “A internacionalização da Amazônia”, com predomínio de ausência total de vírgulas, mas variação nos números de *ausência-presença*, *presença-ausência*, *presença-presença*. Lançamos a hipótese de que as diferentes propostas, embora pertencentes a um mesmo gênero textual – artigo de opinião –, possam levar à mobilização de advérbios e locuções adverbiais distintas como estratégias de argumentação e provocar diferentes usos e não usos da vírgula em esquema duplo;
- descrever e analisar estruturas adverbiais mais recorrentes, como é o caso do “sim”, “na minha opinião”, “assim”, “agora” e expressões indicativas de consequência, como “com isso”, “com o desmatamento”, etc., buscando tendências quanto à função enunciativa assumida pelas diferentes combinações da vírgula quando mobilizadas essas estruturas;
- analisar fonologicamente as estruturas adverbiais, para averiguar se os tipos de combinações de vírgula em esquema duplo são coincidentes com as fronteiras de frase entoacional, o que nos permite confirmar ou descartar relações potenciais estabelecidas entre as produções dos enunciados falados e escritos.

## Agradecimentos

À minha orientadora, Luciani Tenani, pela supervisão do processo de elaboração deste artigo. À CAPES, pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1929 [1986].
- BECHARA, E. *Moderna gramática do portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CAMILLO, I. A. *Vírgulas em esquema duplo em artigos de opinião do 9º ano do Ensino Fundamental II: Análise de caso*. In: 67º SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 2019.
- CARVALHO, T. G. *Usos de vírgulas em textos do ensino fundamental II: um estudo longitudinal*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2019.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.
- CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa. São Paulo: SEE, 2008.
- DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

ESVAEL, E. V. da S. *Pontuação na escrita de universitários: a função enunciativa da vírgula*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. *Alfa*, São Paulo, p. 151-174, 2007.

NEVES, M. H. M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PAIVA, N. C. *Vírgulas em esquema duplo em textos do nono ano do EFII: aspectos sintáticos e prosódicos*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2021.

SONCIN, G. C. N. *Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!* 2014. Tese (Doutorado em Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.

TENANI, L.; LONGHIN-THOMAZI, S. Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual no Ensino Fundamental. *Em Extensão*, Uberlândia, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 20-34, jul. 2014.

TENANI, L.; PAIVA, N. Y. Vírgulas em esquema duplo em textos argumentativos: aspectos sintáticos e prosódicos. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 294-321, 2020. TENANI, L. E. *Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II*. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TENANI, L. E. Texto e gramática: relações a partir de usos de vírgulas. In: RIOS, M; WIDEMAR, M. L. (org.). *Texto e Gramática na Educação Básica: novos contextos, novas práticas*, 2021. No prelo.

# ANEXOS

## 1. Proposta 5



Projeto de extensão: **Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual** – Coordenação Luciani Tenani

**E.E. Professora Zulmira da Silva Salles**

Nome: \_\_\_\_\_ Série/Turma: 8ª \_\_\_\_\_

Proposta 5 Data: \_\_\_\_\_

- Leia os textos abaixo:

### Texto 1

Ao aumentar as manifestações em favor da internacionalização da Amazônia, o novo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, respondeu que a aceitava – por que não? – desde que fossem internacionalizadas também Nova York e Paris. [...]

Com a idéia de internacionalizar também Paris e Nova York, Minc retomava um artigo do senador Cristovam Buarque, publicado em 2000 e de muito sucesso na internet. Cristovam Buarque conta que, questionado sobre a internacionalização, num debate nos Estados Unidos, disse que "como humanista" era a favor – assim como era a favor de internacionalizar as reservas de petróleo do mundo, libertando-as de países que arbitrariamente diminuem o capital financeiro global, sujeito a manobras dos especuladores. Era a favor igualmente da internacionalização dos museus, como o Louvre, "guardiães das mais belas peças produzidas pelo gênio humano". E também de Nova York, como sede da ONU, e de Paris, Veneza, Roma Londres e Rio de Janeiro, patrimônios da humanidade, sem se esquecer do arsenal nuclear americano, instrumento perigoso demais para estar sob controle de um só país.

Cristovam Buarque estava, claro, dando um chega pra lá nos interlocutores estrangeiros. Mas ao mesmo tempo desenhava um idílico mundo futuro, libertado das soberanias nacionais, em que tudo é de todos. Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, chegemos lá. [...] A internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem, mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. Quem sabe, um dia...

*(Revista Veja, 28 de maio de 2008)*

### Texto 2

A velha paranóia brasileira de que a soberania nacional na Amazônia está sob ameaça de potências estrangeiras e de ONGs ambientalistas acaba de ganhar um rosto. É o do milionário sueco Johan Eliassch, conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown. Em outubro de 2005, Eliassch comprou 160.000 hectares de terras de florestas na região norte do país, uma área maior que a da cidade de São Paulo. Em seguida, criou a ONG *Cool Earth* (Esfrie a Terra) que tenta angariar doações para adquirir e conservar florestas na Amazônia. [...]

"O Papel do governo deve ser monitorar, fiscalizar e dirigir a ação desses grupos que querem investir, sejam brasileiros ou não", diz Danilo Iglioni, professor da Universidade Cambridge, na Inglaterra. "Mas o governo não tem dinheiro para investir na área e faz sentido que o mundo pague para preservar a floresta".

*(Revista Época, 02 de junho de 2008)*

### Texto 3

"O jornal inglês *The Independent* publicou um editorial afirmando que a Amazônia 'era importante demais para ser deixada aos brasileiros.' O *New York Times* publicou artigo em que lembrava uma antiga frase de Al Gore, ex-vice-presidente americano, hoje santo protetor do meio ambiente global: 'Ao contrário do que pensam os brasileiros, a Amazônia não é propriedade deles, e sim de todos nós.'"

*(Revista Veja, 28 de maio de 2008)*

- Com base em seu conhecimento sobre a atual situação da Amazônia e considerando os argumentos dos textos apresentados, escreva um **artigo de opinião** se posicionando a favor ou contra a internacionalização da floresta.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e ser escrito à **tinta**. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.